

ARS

Descolonização e descontinuação

Luiz Feldman

A Assembléia Geral das Nações Unidas tomou uma de suas mais importantes decisões quando, em dezembro de 1960, aprovou uma resolução que dizia que a "inadequada preparação política, econômica, social ou educacional jamais deveria servir como um pretexto para o atraso da independência".⁷⁰ Com isso, os povos de territórios cuja administração cabia aos colonizadores europeus passaram a ver-se no direito de reivindicar seu autogoverno, não importando qual o julgamento daqueles estrangeiros sobre sua capacidade para tal, na esteira de uma série de decisões neste sentido emanadas daquele fórum durante a meia década anterior. Não causa surpresa que 1960 tenha sido denominado o ano da África, uma vez que em seu decorrer dezesseis novos Estados se formaram naquele continente. A simpatia internacional dirigida aos jovens países, indica Christopher Clapham, "não pôde retificar suas as fraquezas endêmicas", vez que a assistência a eles oferecida pouco foi capaz de fazer contra os elevados níveis de pobreza imperantes, enquanto o apoio diplomático obtido não teve muita efetividade contra as divisões internas, em um sistema no qual a estrutura da economia internacional era de pouco alento para perspectivas de desenvolvimento. Contudo, afirma este autor, "se houve um momento no qual Estados pobres, divididos e sem defesa puderam exercer sua influência no palco internacional, este foi possível nos quinze anos após 1956".⁷¹

Quanto ao porquê da viabilidade do protagonismo dos descolonizados nos quinze anos aos quais se refere Clapham, basta dizer que, com todas as circunstâncias da Guerra Fria, estes testemunharam a tentativa dos novos países de assegurarem ganhos para seu desenvolvimento através da participação e pressão por revisão de instituições internacionais e também de sua inserção na lógica bipolar, de acordo com suas bases ideológicas e expectativas de ganhos. Por um número de razões, capitaneadas pelo maior ou menor relevo geopolítico, seguiu-se à simpatia o desdém. Na lógica da Guerra Fria, os anos 1970 e 1980 foram décadas em que os esforços dos descolonizados perderam muito de seu impacto de outrora, e, como tal, determinados países tiveram importância reduzida nos cálculos das superpotências. A despreocupação de então não se viu substituída por grande interesse com o fim da bipolaridade. A distância de certos problemas da vida de um espectador, ou a própria existência de problemas de ordem semelhante na região deste observador, explicam, em boa medida, este descaso. A importância atribuída ao Haiti, nos tempos de Papa e Baby Doc, parece marcar ainda a percepção de países de seu entorno regional em relação àquele país, e quando se diz da participação brasileira em missão de paz naquele Estado caribenho, prontamente se argumenta que "o Haiti é aqui", ou seja, antes a Rocinha e depois Port-au-Prince.

Geralmente, quando se fala de países como Burma ou Burundi, pouca atenção é prestada e pouco conhecimento exposto. Afinal, pouca importância têm diante dos "países centrais", cuja conduta e atributos, estes sim, têm valor para o pensamento sobre a vida internacional. Mas sua importância relativamente menor, determinada por certas teorias explicativas das Relações Internacionais, não faz destes países objetos de interesse nulo para o estudo da política internacional. Ao contrário, o espaço de tempo entre uma votação por diplomatas em dezembro de 1960 e os dias atuais atesta para fatos importantes e demonstrativos da evolução de um assunto de extração política, no caso o desenvolvimento dos descolonizados desde então.

⁷⁰ Resolução 1514 (XV) da Assembléia Geral das Nações Unidas.

⁷¹ Clapham, Christopher. *África and the International System: The Politics of State Survival*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.43



Recorrentes mudanças de nome (p. e., República do Congo (Leopoldville)–Zaire–República Democrática do Congo, Federação da Rodésia e Niassalândia–Zâmbia), precárias condições da vida política e social (Camboja, Líbano) e desarranjos humanitários (Ruanda, Libéria) parecem fazer parte do catálogo descritivo oferecido quando se procura descrever a situação atual de países ou regiões onde a descolonização mal completou meio século.

Confrontado com a imagem de um líder guerrilheiro de Burma, o espectador pode-se permitir, por um momento, abandonar a necessidade de explicação científica dos desenvolvimentos políticos em tela para avaliar o que tem a arte a dizer com respeito a isto que a política gerou. As sutilezas textuais de uma resolução, os entendimentos mínimos sobre certos pontos, as artimanhas negociadoras e a indisposição estrutural em relação ao cumprimento de certas disposições de certos acordos todos têm suas conseqüências. E, seja pela falta de iniciativa ou entendimento político, seja pela impossibilidade de intervenção altruísta, quaisquer que tenham sido as condições de assistência que, em dezembro de 1960, justificavam o atalho para a independência, não parecem ter sobrevivido imunes à prova do tempo. Afinal, se da independência sobreviria desenvolvimento em níveis mais satisfatórios que aqueles obtidos na colonização – se é que esta o oferecia em qualquer grau – a conjuntura dos dias correntes mostra que muito resta a ser feito – ou que pouco se avançou.

E é a conjuntura de “países periféricos”, periféricos talvez até demais, que se traz à tona aqui. Tendo agora a arte, e não a ciência, como fio condutor, a história ganha novos realces. Se Burma continua tão desimportante para a política internacional quanto antes, o que se relata desde aquele canto do mundo ganha maior destaque. “A arte”, como escreve Maxwell Anderson, “é talvez a mais reveladora janela para a condição humana”.⁷² Essa condição não é satisfatória naquele país do sudeste asiático, onde um conflito que se arrasta desde a independência limitou as possibilidades de desenvolvimento e, com efeito, inseriu o país numa intrincada rede de conflitos territoriais com a Tailândia e civis entre o governo e grupos insurgentes de diferentes etnias, cujas conseqüências são refugiados e deslocados internos, em meio ao desequilíbrio democrático e às incertezas de um futuro de estabilidade.

As imagens do fotógrafo burmês Chan Chao, assim, são relatos visuais de uma situação que ocorre em um país distante e cuja melhora passa pelos improváveis prospectos de flexibilização de condições políticas e econômicas internacionais. Sobre a obra, diz um comentarista ser

*“extraordinária, pela honestidade com que retrata a dificuldade de um povo preso neste terrível conflito. Em suas fotos se vê desespero, derrota, sofrimento e incompreensão; também se vê coragem, fatalismo e esperança, que mantiveram essa guerra por mais de meio século. Como um registro de sofrimento humano, os retratos de Chan Chao são tão valiosos quanto as fotografias de Roger Fenton sobre a Guerra da Crimeia, de Robert Capa sobre a II Guerra Mundial e de Sunil Janah sobre a fome em Bengala em 1942”.*⁷³

Em um livro-objeto, o Chao ilustra com seus retratos a carta que recebeu de Aye Saung, líder da Frente de Libertação Popular daquele país. Este carta lhe foi endereçada, em agradecimento ao envio de um exemplar do livro em que constava a imagem de Saung, pelo próprio Saung. Ela corre:

*“Hallo, dear Naing Naing. I am sorry for not writing you earlier. Do you remember Myint Zaw, General Secretary of D.A.B.? He died in March by sickness. All the place you had been with us in Hteekabale are fallen into enemy’s hand. (...) But am proud because are still in high spirit to fight against the enemy, Slorc. Thais are now not supportive to us. They are now hoping to make business with Slorc. It is not easy for us to travel along the border like before. Whatever it is I believe that the oppressive military dictator Slorc will not last long. People has the mightiest of all the powers. By the way, I am very pleased to see myself in the big photo. Thank you very much. (...) I have no Knowledge of Photography. I only like the pictures. I like agitating to the people. That makes me mad for radio machine. The machine I want is–short wave (Because Burmese only listen to that wave), portable, generator used, the further it goes, will be the best. Please let me know how much it will cost previously. Because I have to search the money with my friends. Another difficulties is how to get into Thailand. The method I thought is to take part by part (...) With all the best regards, Aye Saung.”*⁷⁴

A precária situação do líder da frente de libertação do popular daquele país, que se vale da oportunidade oferecida pelo fotógrafo errante para obter um transmissor de ondas curtas; a referência a obscuros atores no conflito, os “amigos”;

⁷² Anderson, Maxwell L. Foreword. In: The American Effect : Global Perspectives on the United States, 1990-2003. Nova York: Whitney Museum of American Art, 2003, p.11

⁷³ Ghosh, Amitav. The Photography of Chan Chao : Afterword. In: Burma : Something Went Wrong. Tucson: Nazareli Press, 2000, p.126

⁷⁴ Chao, Chan. Letter from P.L.F. (Burma). No.264/500. Tucson: Nazareli Press, 2001. Texto reproduzido como no original. Tradução livre: “Olá Naing Naing, sinto por não ter escrito antes. Lembra-se de Myint Zaw, Secretário Geral do D.A.B.? Ele morreu em março devido a doença. Todo o lugar em que estive conosco em Hteekabale caiu nas mãos do inimigo. (...) Mas estou orgulhoso por estarmos com elevado espírito para lutarmos contra o inimigo. Thais não nos apóia mais. Eles agora querem fazer negócios com Slorc. Não nos é fácil atravessar a fronteira como antes. Como quer que seja, acredito que o ditador militar opressivo Slorc não durará muito. O povo tem o mais poderoso dos poderes. A propósito, gostei de me ver na grande fotografia. Muito obrigado. (...) Eu não tenho Conhecimento de Fotografia. Eu só gosto das fotografias. Eu gosto de causa agito para as pessoas. Isso me faz louco por uma máquina de rádio. A máquina que eu quero é de ondas curtas (porque os burmeses só escutam a esta onda) , portátil, utilizável com gerador, tanto maior seu alcance, melhor. Por favor me diga qual seu preço previamente. Porque eu tenho que procurar o dinheiro com meus amigos. Outra dificuldade é como coloca-la na Tailândia. O método que eu pensei foi mandar parte por parte. (...) Com todas as melhores saudações, Aye Saung”.

a utilização quase cômica e desmesurada dos conceitos políticos; a mobilidade incerta de um conflito onde se toma lá, se dá cá, já há meio século. Ao contrário do Oriente Médio, com seus muitos significados para a geopolítica e para a geoeconomia, Burma está essencialmente mergulhada em conflito pelo mesmo tempo que Israel e a Palestina se digladiam, mas mal se sabe o que se passa por lá. Como diz o título do livro sobre a obra de Chao, em "algo deu errado", mas nem mesmo isso está exatamente determinado.

Se havia ou não capacidade de autogoverno quando da independência, em 1948, resta incerto. O fato é que algo deu errado, e faltou quem pudesse ajudar. A reveladora janela para a condição humana, aberta aqui por Chan Chao, atesta para a triste realidade do país incapaz de solucionar *imbroglio* pendente desde os velhos tempos das expectativas iniciais dos frutos da descolonização. Os retratos de Chao são marcas humanas de desdobramentos diplomáticos, em seqüência aos quais a euforia estatal dos jovens Estados aos poucos se deixou imbuir (ou foi tomada) pelas vicissitudes da velha prática política européia. A descolonização, pelo que se depreende dos retratos de Chao, não foi exitosa em sua oferta de prospectos de desenvolvimento e melhorias sociais. Ao contrário, foi seguida por descontinuação destes prospectos, relegando as novas nações estatizadas à sua própria sorte. Não parece diferente no Togo como não parece dissonante no Haiti, que há tanto vê descontinuação semelhante nos prospectos de sua descolonização.

Não se sabe quanto tempo durará a ditadura opressiva de Slorc. Mas o mais poderoso dos poderes estar com o povo parece questionável, seja com assistência altruísta ou em sua ausência. Seja com Slorc, seja com Saung.